

FLORICULTURA TROPICAL: UMA ALTERNATIVA DE DIVERSIFICAÇÃO DE CULTIVO E RENDA PARA AGRICULTORES FAMILIARES EM TANGARÁ DA SERRA-MT

JOSIANE SILVA COSTA

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO

josyane.costa@hotmail.com

CLECI GRZEBIELUCKAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

cleci@unemat.br

EDNEIA DE SOUZA NUNES

edineaqueroz@hotmail.com

MARINEZ CARGNIN-STIELER

UNEMAT

marinez@unemat.br

MARGARIDA ALVES ROCHA

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO

margaridarocha@unemat.br

FLORICULTURA TROPICAL: UMA ALTERNATIVA DE DIVERSIFICAÇÃO DE CULTIVO E RENDA PARA AGRICULTORES FAMILIARES EM TANGARÁ DA SERRA-MT

RESUMO

Diversificar consiste em fortalecer o meio de vida no contexto rural, neste sentido a floricultura tropical além de garantir benefícios ambientais, como preservação de espécies nativas e possibilitar a redução do uso intensivo do solo, contribui na agregação de renda. A pesquisa teve como objetivo identificar o interesse dos agricultores familiares do município de Tangará da Serra-MT, no cultivo de flores tropicais para comercialização. É uma pesquisa de natureza descritiva com abordagem quali-quantitativa. A amostra consistiu em 19 agricultores, atendidos no ano de 2015 pela Empresa Matogrossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural – EMPAER. O instrumento de coleta foi formulário semi-estruturado, aplicado no período de janeiro à fevereiro de 2017, através de visitas *in loco* realizada nas propriedades rurais do município de Tangará da Serra-MT. Os resultados permitiram constatar que 94,74% das famílias conhecem as flores tropicais, entretanto só conseguem identificar por fotos ou uso do nome popular e que 73,68% já visualizaram espécies nativas na propriedade. Todavia apesar de 52,63% demonstrarem interesse no cultivo como estratégia de diversificação de renda, também apresentaram muitas dúvidas com relação às formas de cultivo, investimento e comercialização, por se tratar de uma atividade pouco conhecida na região.

Palavras-chave: Flores tropicais. Estratégia de diversificação. Cultivo.

TROPICAL FLORICULTURE: AN ALTERNATIVE OF CULTURE AND INCOME DIVERSIFICATION FOR FAMILY FARMERS IN TANGARÁ DA SERRA-MT

ABSTRACT

To diversify is to strengthen the livelihood in the rural context, in this sense tropical floriculture besides guarantee environmental benefits, as preservation of native species, it allows the reduction of intensive use of the soil and contributes in the income aggregation. The research aimed to identify the interest of family farmers in the municipality of Tangará da Serra-MT, in the cultivation of tropical flowers for commercialization. It is a descriptive research with a qualitative-quantitative approach. The sample consisted of 19 farmers, attended in 2015 by the Matogrossense Company of Research, Assistance and Extension Rural - EMPAER. The collection instrument was a semi-structured form, applied in the period from January to February 2017, through on-site visits carried out on the rural properties of the municipality of Tangará da Serra-MT. The results showed that 94.74% of the families know the tropical flowers, however, they can only identify by photos or use of the popular name and that 73.68% have already visualized native species in the property. However, although 52.63% showed interest in cultivation as a strategy of income diversification, they also presented many doubts regarding the ways of cultivation, investment and commercialization, since this is a little known activity in the region.

Keyword: Tropical flowers. Diversification strategy. Cultivation.

1. INTRODUÇÃO

A agricultura familiar tem se destacado por sua dinâmica de produção e comercialização, assumindo papel fundamental no cenário econômico, são cerca de 4,4 milhões de famílias agricultoras que representam 84% dos estabelecimentos rurais brasileiros, contribuindo na geração de renda, permanência das famílias no campo, controle da inflação e sustentabilidade das atividades agrícolas (MINISTÉRIO DE DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO - MDA, 2017). Entretanto, o setor sofre constantes influências tanto no ambiente interno quanto externo e para superar tais obstáculos faz-se necessário buscar novas alternativas. Neste contexto a agricultura familiar tem se reinventado através da diversificação agrícola e não agrícola (STUANI; NECKEL; FICAGNA, 2016) desenvolvendo-se em áreas ainda pouco exploradas, como por exemplo, a floricultura.

Neste segmento o Brasil pode ser considerado um país privilegiado, pois, diante da biodiversidade existente e amplitude de características edafoclimáticas, possui alternativa de cultivo de diferentes espécies na floricultura (LANGE; AREND, 2012). Todavia poucos são os polos de produção que sustentam o fluxo de abastecimento de amplas faixas territoriais do país. E como consequência, nas últimas décadas ocorreu uma homogeneização dos hábitos e costumes em que, as flores e plantas regionais acabaram perdendo o valor e preferência se comparada a qualidade e padrão dos produtos de floriculturas mais profissionais e competitivas (JUNQUEIRA; PEETZ, 2008).

Apesar da floricultura ser considerada supérflua e restrita a uma pequena parte da sociedade de alta renda, o setor tem exercido importantes papéis sociais, culturais e ecológicos além do econômico. Social - por estar relacionado ao uso de pequenas propriedades rurais, colaborar para diminuição do êxodo rural, permitir que a atividade seja familiar e empregar pessoas de ambos os sexos e diferentes idades; Cultural – por envolver diversas cerimônias como casamento, formaturas, funerais, eventos e o uso em datas importantes do ano como dia das mães, finados, namorados, etc.; Ecológico - por contribuir para a preservação de espécies nativas (TERRA; ZUGE, 2013).

Neste sentido a floricultura tropical surge como alternativa para agricultores familiares em Mato Grosso, pois apesar do estado se caracterizar como o maior produtor de cereais, leguminosas e oleaginosas (representados por soja, milho e arroz 93,5%), com estimativa de crescimento da produção em toneladas de 20,3% em 2017 se comparado ao ano anterior (IBGE, 2017). O estado também possui condições de clima e solo para o cultivo de flores tropicais (LAMAS, 2004), experiência já vivenciada por pequenos produtores no estado como alternativa de emprego e renda (SANTOS, 2015; PERSONA, 2016).

Diante do exposto o objetivo da pesquisa foi identificar o interesse dos agricultores familiares do município de Tangará da Serra-MT no cultivo de flores tropicais para comercialização. Justifica-se o estudo, pois apesar do estado possuir cerca de seis produtores localizados em Cuiabá, Várzea Grande e Sorriso que persistiram com a ideia da produção de flores tropicais e encontrarem-se satisfeitos com os resultados alcançados (NASCIMENTO, 2014), ainda há espaço para ser explorado em outras cidades como alternativa sustentável de diversificação no campo.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Agricultura Familiar

A agricultura familiar tem assumido papel importante para a economia e o desenvolvimento social, por se tratar da forma predominante de produção de alimentos no

mundo, sendo que nove em cada 570 milhões de propriedades agrícolas no mundo são conduzidas por famílias (FAO, 2014).

Na América Latina a agricultura familiar, pode ser dividida em três categorias: De subsistência - na qual ocorre a limitação em disponibilidade de terra e capital, não garantindo nem a segurança alimentar familiar; de transição - que demonstra acesso aos mercados e cadeias produtivas; e consolidada - que possui maior capital e disponibilidade de terra que tem conseguido superar a pobreza e alcançar maior nível de conservação dos recursos naturais (BARRIENTOS-FUENTES; TORRICO-ALBINO, 2014).

No Brasil a origem e o reconhecimento desta classe são resultado das lutas de movimentos que batalhavam por créditos, melhorias de preços, regulamentação da previdência social rural e formas diferenciadas de comercialização, sendo que o uso do termo agricultura familiar, era quase inexistente, as expressões utilizadas eram pequeno produtor, produtor de subsistência ou baixa renda (SCHNEIDER, 2010). Contudo apesar dos vários conceitos, a agricultura familiar tem duas características principais: são administradas pela própria família e a família deve trabalhar diretamente com ou sem o auxílio de terceiros (SCHUCH, 2004).

A expressão agricultura familiar passou a ser utilizada a partir da década de 90, com a consolidação na criação do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), por meio do decreto 1.946 de 1996 e com a Lei da Agricultura Familiar 11.326 de 2006 (SCHNEIDER, 2010).

A lei 11.326 considera agricultor familiar aquele que desenvolve atividades econômicas no meio rural atendendo alguns requisitos básicos como: não deter propriedade rural maior que 4 módulos fiscais; utilizar exclusivamente mão de obra familiar nas atividades econômicas de propriedade; e possuir a maior parte da renda familiar proveniente das atividades agropecuárias desenvolvidas no estabelecimento rural (BRASIL, 2006).

Neste sentido, a agricultura familiar vem conquistando espaço e se destacando no cenário econômico produtivo assumindo papel fundamental no abastecimento alimentar da população brasileira, contribuindo na geração de renda e sustentabilidade das atividades agrícolas mediante ao desenvolvimento simultâneo de duas ou mais atividades. Exemplo disso é a atividade floricultura que tem se concentrado em pequenas e médias propriedades rurais, sendo utilizada como alternativa de diversificação de renda e cultivo ideal para agricultores familiares (FRANCISCO; PINO; KIYUNA, 2003; DUVAL, 2014).

2.2 Diversificação agrícola e diversificação rural

A diversidade é entendida como condição que se realiza segundo as diferentes formas de renda, atividades, ocupação, sistemas de produção entre outros (SCHNEIDER, 2010), já a diversificação implica ao processo social e econômico de criação de diversidade dos meios de vida, no caso dos agricultores significa capacidade de criar manobras que inovem face ao contexto de hostilidade, privação e adversidade (PLOEG, 2008).

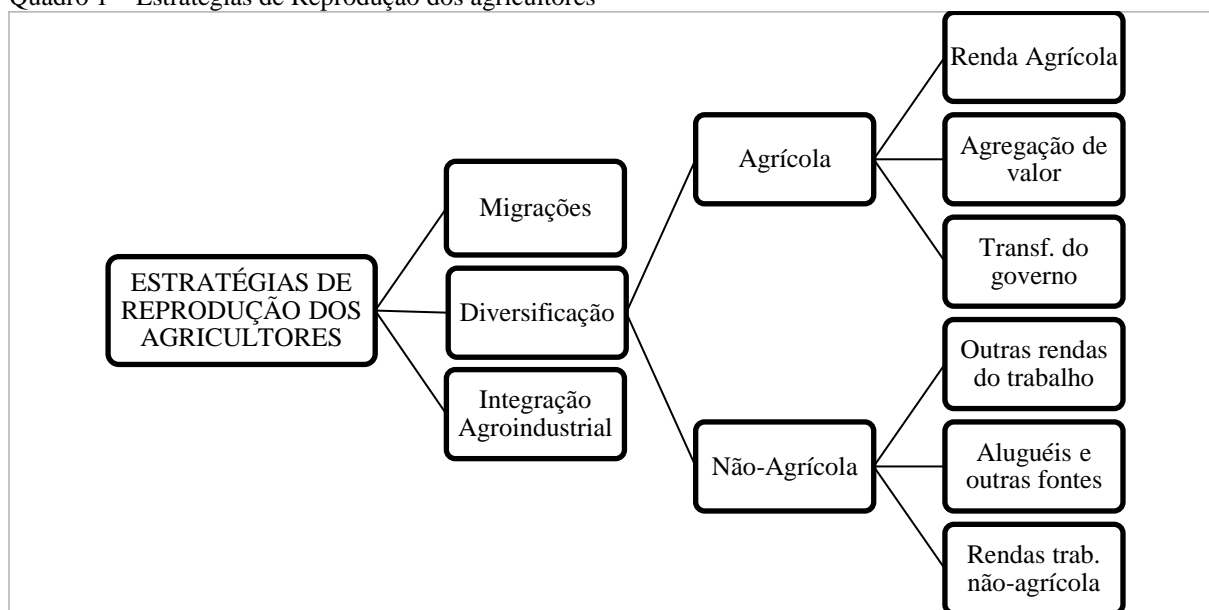
Fortalecer o meio de vida no contexto rural implica em criar mecanismos de diversificação das opções e estratégias de trabalho e renda, ou seja, quanto mais diversificada a unidade produtiva maiores serão as chances e oportunidades para se fazer escolhas, sendo assim a diversidade é o caminho pelo qual os indivíduos lidam com as adversidades e condicionantes dentro da realidade em que vivem (SCHNEIDER, 2010).

Desta forma, faz-se necessário distinguir diversificação agrícola e diversificação rural. A diversificação agrícola consiste na implantação de duas ou mais atividades em uma propriedade rural, como por exemplo, cultivo de café, milho, leite, criação de frangos,

classificando a unidade de produção como diversificada (SIMÃO, 2005). Contudo, diversificar apenas pode trazer poucas melhorias para a família, em alguns casos faz-se necessário o desenvolvimento simultâneo da diversificação rural que consiste na prática conjunta de atividades agrícolas primárias (produção) e não agrícolas (industrialização e prestação de serviços) envolvendo atividades do setor secundário e terciário (SILVA, 2001).

Neste sentido, a diversificação rural representa a nova base da agricultura moderna, pois, fomenta o desenvolvimento de áreas rurais e oportuniza condições de cidadania no meio rural, afastando a possibilidade do agricultor e sua família migrar para os centros urbanos (SILVA, 2001). O Quadro 1 apresenta como pode ocorrer as estratégias de diversificação no contexto rural.

Quadro 1 – Estratégias de Reprodução dos agricultores



Fonte: Adaptado Schneider (2010)

Os motivos que levam a diversificação rural são muitos podendo estar associados aos fatores edafoclimáticos ou socioeconômicos se apresentando através da sazonalidade, dos riscos (clima, pragas, doenças), da vulnerabilidade, das migrações, efeitos de mercado de trabalho (preço e demanda), acesso ao crédito, entre outros e diante de tais adversidades o agricultor precisa se mobilizar e construir estratégias e alternativas que possibilitem resistir ou adaptar a situação (ELLIS, 2000).

Desta forma a diversificação colabora de forma determinante no desenvolvimento rural, pois, contribui na distribuição e diversificação das fontes de rendas, resultando na superação da pobreza; amplia a produtividade rural e diversificação no interior da unidade de produção; o ingresso de rendas não agrícolas auxiliam na capacidade de custeio da unidade de produção; reduz o uso intensivo do solo; resulta na intervenção das relações de gênero podendo alterar as relações de dominação; provoca maior segurança em relação aos efeitos macroeconômicos ou seja menor dependência do mercado e das oscilações constantes de preços (SCHNEIDER, 2010).

2.3 A floricultura tropical como estratégia de diversificação

As flores tropicais possuem características peculiares com relação às demais, como rusticidade, perenidade, diversidade de cores, portes e formas exóticas, possui algumas espécies que produzem o ano todo, adaptam-se em regiões com altas temperaturas e disponibilidade de água (LAMAS, 2004; LOGES et al., 2005). Seu cultivo não é tão exigente

se comparado com as demais flores (UNEMATO, 2010). Tais características têm contribuído para aumento da demanda e conquista de espaço no mercado, principalmente como flor de corte devido a maior durabilidade pós-colheita (LOGES et al., 2005).

A maioria dos países desenvolvidos apresentam limitações no cultivo de flores tropicais, por terem condições climáticas desfavoráveis e necessitar de investimento em altas tecnologias onerando o custo final do produto (LOGES et al., 2005; LOMACHINSKY, 2005). Fato que tem incentivado a produção em países tropicais como o Brasil que dispõe de terra, água, clima, energia e mão de obra. Elementos estes que influenciam na qualidade do produto e possibilitam custos menores e preços competitivos (LOGES et al., 2005).

No Brasil a floricultura tropical teve reconhecimento em meados da década de 30 a partir do trabalho pioneiro do paisagista Roberto Burle Marx, tornando-se possível a valorização de espécies nativas ou exóticas reforçando os valores nacionais (LOMACHINSKY, 2005), todavia a produção comercial teve início na década de 90 (AKI; PEROSA, 2002). O Nordeste é o principal produtor da floricultura tropical, tendo como destaque os estados de Alagoas, Pernambuco e Ceará, favorecendo muitas famílias de agricultores na geração de emprego e renda, além de promover o desenvolvimento econômico e social da região. Outros estados como Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Pará e Minas Gerais também têm cultivado flores tropicais (ALMEIDA et al., 2012).

O estado de Mato Grosso apesar do franco progresso do agronegócio, onde predomina a produção de soja, milho, algodão e criação de gado, possui abastecimento de flores deficitário, fornecido em sua grande maioria pelo estado de São Paulo (NASCIMENTO, 2014). Sendo este um indicativo de oportunidades para pequenas propriedades já que, o estado possui condições edafoclimáticas favoráveis para cultivo de flores tropicais (LAMAS, 2004), e a experiência já tem dado certo com alguns agricultores familiares no estado (CASTILHO, 2017).

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 Área de estudo

A pesquisa foi realizada no município de Tangará da Serra-MT, situado na região Sudoeste a 240 km da capital Cuiabá-MT. Em 2010 o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH) era de 0,729 (ATLAS, 2013) e para 2016 a população estimada foi de 96.932 (IBGE, 2016). O município está localizado entre as coordenadas geográficas Latitude Sul 14° 04' 38" e Longitude Oeste 57° 03' 45" Oeste (SEPLAN, 2015). A feira do produtor é representativa na região com 318 feirantes que comercializam diversos produtos in natura e semi processados e processados, principalmente da agricultura familiar (SCHWAAB, 2017) e a região também é um polo em educação de nível superior. A economia do município é estratificada em indústria, comércio e serviços este último representando 56,6%. As culturas de soja e cana-de-açúcar são as atividades predominantes (SETUR, 2015).

3.2 Caracterização do tipo da pesquisa e instrumento de coleta

A pesquisa se caracteriza quanto ao tipo descritiva, com abordagem quali-quantitativa. As pesquisas descritivas buscam investigar, analisar, registrar e classificar os fatos ou fenômenos sem a interferência do pesquisador (RICHARDSON et al., 2012). As pesquisas qualitativas visam coletar informações das opiniões, costumes, hábitos e anseios dos entrevistados (MALHOTRA, 2005). Enquanto as quantitativas buscam a quantificação dos resultados produzindo em percentuais e valores monetários (GODOY, 1995; RICHARDSON et al., 2012). A fim de interpretar o material qualitativo, utilizou-se a análise de conteúdo a

qual objetiva a compreensão, descrição e análise na construção de conhecimento acerca do objeto estudado (CAREGNATO; MUTTI, 2006).

A amostra da pesquisa consistiu em 21 agricultores familiares atendidos no ano de 2015 pela Empresa Matogrossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (EMPAER). O critério de seleção foi ter disponibilidade de recurso hídrico na propriedade, visto ser um fator limitante na produção de flores tropicais e estar localizado próximo a zona urbana, destes dois não tiveram interesse em participar da pesquisa, resultando em uma amostra de 19 agricultores.

Os agricultores foram esclarecidos sobre a pesquisa e convidados a participar, em concordância foi solicitada a adesão ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) com garantia de anonimato destes, que autorizaram retirar fotos do local e divulgar os dados fornecidos.

A pesquisa foi submetida à análise pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) e aprovada sob Parecer do CEP UNEMAT nº 1.902.410/2017.

O instrumento de coleta utilizado foi formulário semi-estruturado contendo perguntas abertas e fechadas. Antes da aplicação efetiva, realizou-se um pré-teste, a fim de avaliar a exatidão e coerência das perguntas e respostas, conforme recomendado por Hair et al (2005). Após revisão do formulário realizou-se a aplicação definitiva que ocorreu no período de janeiro e fevereiro de 2017, através de visitas *in loco* realizada nas propriedades rurais do município.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Perfil Socioeconômico dos agricultores

A maioria das famílias de agricultores encontra-se com idade superior a 46 anos sendo, 78,95 % homens e 84,21 % mulheres (Tabela 1). Realidade também identificada em localidades rurais do município de Santa Rosa / RS, cuja maioria da população do campo tinha faixa etária acima de 40 anos (GODOY et al, 2010). Corroborando com o estudo de Schneider (1994) que já destacava que no campo vinha ocorrendo uma migração significativa na faixa etária produtiva, ou seja, a juventude e quem fica na terra (pai, mãe, avós), tende ao envelhecimento.

Tabela 1 - Faixa etária dos agricultores

Idade	Homem		Mulher	
	Quantidade	Percentual %	Quantidade	Percentual %
18 a 35 anos	1	5,26	1	5,26
36 a 45 anos	3	15,79	2	10,53
46 a 55 anos	5	26,32	9	47,37
Acima de 56 anos	10	52,63	7	36,84
Total	19	100,00	19	100,00

Fonte: Dados da pesquisa

A composição das famílias tem diminuído, pois a maioria delas (52,63%) tem entre três a quatro filhos. Fato este que corrobora com o estudo de Berquo e Cavenaghi (2006) que destacaram que no Brasil rural em 1991 a média de filhos era de 4,3 e já no ano de 2004 essa média reduziu para 1,2 filhos.

Além da composição das famílias rurais estarem diminuindo, cabe destacar que dentre as que contam com a ajuda dos filhos na agricultura, 73,68% tem entre nenhum e um filho, um dos fatores que tem influenciado este resultado é que muitos destes jovens optaram pelo

estudo na busca de um futuro melhor, que a permanência no meio rural, conforme apresentado na Tabela 2.

Resultado semelhante ao deste estudo vem ocorrendo em algumas regiões do sul do Brasil (ABRAMOVAY et al., 2001; CARNEIRO, 2001; SPANEVELLO et al., 2010). Já na Região de Alto Uruguai no Rio Grande do Sul, os fatores que tem contribuído para continuidade dos jovens no campo são: remuneração pelo trabalho nas unidades familiares, diversificação da produção e conseqüentemente aumento de renda, atividades complementares à agricultura gerando mais oportunidades de renda e políticas públicas que possibilitem o desenvolvimento rural e continuidade da agricultura familiar (DEGGERONE, 2014).

Por outro lado a escolaridade das famílias tem melhorado, pois dentre os filhos não houve a ocorrência de não alfabetizados, ao contrário dos pais (Tabela 2). Dentre as áreas identificadas do ensino superior completo ou incompleto, desenvolvida pelos filhos destes agricultores estão: agronomia, biologia, ciência da computação, contabilidade, enfermagem, geografia, medicina, pedagogia e teologia.

Tabela 2 – Escolaridade da família

Grau de Instrução	Homem	Mulher	Filhos
Não Alfabetizado	1	1	-
Primário	8	9	-
Ensino Fundamental	3	2	-
Ensino Fundamental Incompleto	1	-	1
Ensino Médio	5	3	9
Ensino Médio Incompleto	-	-	2
Ensino Superior	1	1	3
Ensino Superior Incompleto	-	2	5
Pós Graduação	-	1	-
Total	19	19	20

Fonte: Dados da pesquisa

Apesar de se localizarem próximas a zona urbana, 94,74% das famílias residem na propriedade. E conforme destacado na tabela 3, cerca de mais da metade delas (52,63%) estão na terra por mais de 21 anos, sendo que em alguns casos já ocorreu a sucessão familiar por meio da transferência da terra como herança.

Tabela 3 - Tempo que a família mora na propriedade

Tempo de residência na propriedade	Quantidade	Percentual %
Entre 1 à 10 anos	6	31,58
Entre 11 à 20 anos	3	15,79
Entre 21 à 30 anos	4	21,05
Acima de 31 anos	6	31,58
Total	19	100

Fonte: Dados da pesquisa

No que tange a renda oriunda das atividades realizadas na propriedade, a maioria das famílias (78,94%) tem obtido uma renda média de dois a cinco salários mínimos. Já 15,80% declararam receber acima de seis salários mínimos. Realidade divergente pode ser percebida no estudo de Silva, Simioni e Talamini (2009), em que a maioria das unidades produtivas pesquisadas tinha renda entre um a dois salários mínimos.

Além da renda da propriedade a maioria das famílias (89,47%) possuem outras alternativas de renda agrícola e não agrícola, como: aposentadorias, arrendamento de parte da propriedade, aluguéis, prestação de serviços (com trator, pedreiro, carpinteiro, serviços domésticos), e enfermagem. Para Schneider (2003), o uso de atividades não agrícolas vem acarretando uma mudança estrutural no meio rural, em que indivíduos da família com

domicílio rural passam a se dedicar a atividades econômicas e produtivas, cada vez menos executadas dentro da propriedade.

4.2 Perfil das propriedades

A lei 11.326 /2006 considera agricultor familiar aquele que não possua terra com área maior que 4 (quatro) módulos fiscais (BRASIL, 2006). No município de Tangará da Serra-MT, um módulo fiscal equivale a 80 hectares (INCRA, 2013). As propriedades investigadas possuem áreas que variam entre 1,5 a 76 hectares (Tabela 4). Conforme o censo agropecuário 2006 a área média dos estabelecimentos familiares no Brasil era de 18,37 hectares, já para o estado de Mato Grosso a média foi de 56,68 hectares (IBGE, 2006), inferior a realidade encontrada neste estudo em Tangará da Serra-MT, que foi de 20,95 hectares.

Todavia as áreas cultivadas nas propriedades variam entre 1,0 a 10 hectares, e grande parte das famílias optam por diversificar bem os cultivos (Tabela 4), justificando que a prática de diversificar permite que nos momentos de falta de determinado item, se tenha a alternativa de venda de outros, possibilitando sempre ter renda e não perder o cliente. Neste sentido Schneider (2010) destaca que sobreviver no contexto rural implica em criar estratégias de diversificação de trabalho e renda, desta forma quanto mais diversificada a unidade produtiva maiores serão as chances e oportunidades de se fazer escolhas.

Tabela 4 – Extensão territorial e atividades das propriedades de Tangará da Serra-MT

Agricultor	Área Total (ha)	Área Plantada (ha)	Principais tipos de atividades
1	1,5	1	Quiabo e mandioca
2	37	10	Café, mandioca, criação de gado
3	76	4	Mamão, banana, tomate e hortaliças
4	1	0,5	Mandioca, milho, abacaxi, cana de açúcar, amendoim e frutíferas
5	3,5	1,5	Horta, coco, limão, criação de galinha e ovelhas
6	7,5	7	Banana, mamão, batata-doce, abacaxi, manga, limão, mandioca, abóbora e chuchu
7	34	4	Milho, criação de gado e galinha
8	31	10	Cana de açúcar, chuchu e eucalipto
9	7	4	Abacaxi, melão, melancia e batata-doce
10	28	8	Café, uva, milho, mamão, papaia, pitaia e morango
11	4	3	Hortaliças, batata-doce, abacaxi, quiabo e mandioca
12	24	2	Hortaliças e milho
13	15	2,5	Gado leiteiro, milho, maracujá, mamão, jiló e abóbora
14	2	1	Milho, feijão de corda, mandioca, pimenta, abóbora, jiló e frutíferas
15	26	5	Milho, gado leiteiro, quiabo e jiló
16	10	4,5	Feijão, limão, maracujá, banana, mandioca, laranja, pimenta, galinha e angola
17	33	6	Hortaliças
18	32	4	Milho, mandioca, quiabo, mamão, queijo, gado leiteiro
19	25,7	5	Limão, mandioca, acerola e poncã

Fonte: Dados da pesquisa

Todas as famílias afirmaram ter recebido assistência e orientação técnica de diversas instituições como Empaer, UNEMAT, Sebrae, Prefeitura Municipal e em alguns casos particular. Para manutenção dos afazeres da propriedade e irrigação dos cultivos 84,21% captam água de córregos e 15,79% de poços artesianos. Os sistemas de irrigação utilizados são: Aspersão, micro aspersão, gotejamento. Quanto a realização de análise de solo 94,74% destacou já ter realizado.

No que tange ao uso de alguma política pública 63,16% das famílias já conseguiram recursos do PRONAF e 31,58% já participaram do Programa Nacional de Alimentação

Escolar (PNAE). Conforme destacado por Santos et al. (2012) as políticas públicas de fomento têm papel fundamental para esta parcela da sociedade, pois contribui para ampliar o potencial produtivo dos agricultores, bem como possibilita a permanência das famílias no campo e continuidade da produção.

4.3 Interesse em diversificar a propriedade com o cultivo de flores

Com relação aos planos de novos cultivos na propriedade, 63,16% dos agricultores responderam não possuir, elucidando: idade avançada, pouca mão de obra e já estarem satisfeitos com os resultados obtidos. Porém, um filho que recentemente assumiu a propriedade após o falecimento do pai, alegou que por ele venderia tudo e voltava para cidade para ter uma renda fixa, justificando que no campo tem épocas que tem renda e épocas que não se tem nada, que ele só retornou para não deixar a mãe sozinha. Tal fato corrobora com a visão de Stuani, Neckel e Ficagna (2016), que destacam que na agricultura familiar o processo sucessório só ocorre após o falecimento ou incapacidade dos pais, sendo esta, quase uma regra.

Dos agricultores que afirmaram ter interesse em investir em novos cultivos ou expandir os já realizados (36,84%) destacaram atividades como: plantio das frutíferas bananeira, cupuaçu, poncã, rambutam, morango; pastagens e criação de gado, tanques de peixe e leguminosas. Sendo que, um dos entrevistados enfatizou não ver outro caminho a não ser diversificar diante da saturação dos cultivos já realizados e das exigências dos clientes conquistados. Embora, apenas 36,84% dos agricultores afirmaram ter interesse em investir em novos cultivos ou expandir os já realizados na propriedade, nota-se mudança após os questionamentos e apresentação da oportunidade da floricultura tropical.

Perguntados inicialmente se conheciam alguma espécie de flores tropicais, os agricultores alegaram que não, porém, quando apresentadas algumas imagens de flores tropicais como alpínia e helicônia, 94,74% disseram conhecer denominando -as de banana de macaco e kaité, entre outras (Tabela 5). Um dado interessante (Tabela 5) foi que, 73,68% afirmaram já ter visto espécies nativas na propriedade, principalmente nas bordas das matas e margens dos córregos, corroborando com Wood (1995) que alegou que a maioria das espécies tropicais são típicas de regiões com as características descritas pelos agricultores.

Contudo, apesar de conhecer as espécies por serem típicas na propriedade mais da metade das famílias (57,89%) nunca ouviu falar sobre a possibilidade de cultivo comercial das espécies. Dentre os que afirmaram conhecer alegaram que foi através da UNEMAT, globo rural, reportagens sobre produções ocorridas nos municípios de Várzea Grande-MT, Cuiabá-MT e por meio de feiras em estados do sul. Indagados se acreditam que a floricultura tropical seria uma alternativa viável, 78,95% afirmaram que sim (Tabela 5). A pesquisa de França et al. (2010) destaca que o pouco conhecimento das flores tropicais pela população em geral impacta na sua valorização no mercado.

Tabela 5 - Questões sobre a floricultura tropical

Nº	Questão	Sim		Não	
		Quant.	%	Quant.	%
12	Tem conhecimento de alguma espécie de flor tropical ?	18	94,74	1	5,26
13	Já viu espécies de flores tropicais na propriedade ?	14	73,68	5	26,32
14	Já ouviu falar sobre cultivo comercial de flores tropicais ?	8	42,11	11	57,89
15	Acredita que o cultivo de flores tropicais pode ser uma alternativa viável ?	15	78,95	4	21,05
16	Teria interesse em produzir flores tropicais como alternativa de diversificação da renda ?	10	52,63	9	47,37

Fonte: Dados da pesquisa

O quadro 2 relata algumas justificativas dos motivos que levam estes agricultores a acreditarem na viabilidade da produção de flores tropicais.

Quadro 2 - Motivos que levam os entrevistados a acreditar que a floricultura tropical seja viável

Nº Entrevistado	Descrição
Entrevistados 5	Acreditam que trabalhar com flores tropicais seria uma opção viável e que trabalharia menos, já que o casal encontra-se em idade avançada e se dedicam a horticultura
Entrevistados 10	Acreditam, todavia precisam conhecer mais, em termos de cultivo, investimentos, como se comportaria o mercado, e não sabe se o clima e a terra da região ajudariam
Entrevistados 12	Alegou que daria certo sim, pelo fato de flores ser um tipo de cultivo que as pessoas valorizam e tem grande mercado, pouco explorado, contudo necessitaria de apoio técnico e contatos comerciais
Entrevistados 15	Destacaram que por ser um nicho novo na região e Mato Grosso quase não possui produtores, seria viável, uma vez que a cidade de Tangará da Serra-MT cresceu nos últimos anos e têm muitos eventos.
Entrevistados 17	Daria, mas é algo para um ou dois produtores porque a cidade está em fase de crescimento, sendo algo supérfluo para muitos, acredita que atualmente apenas 10% da população tem poder aquisitivo voltado para este mercado

Fonte: Dados da pesquisa

Dentre os que não acreditam que a atividade seria viável, as alegações foram: venderiam pouco e dependendo do jeito que comercializa causaria dor de cabeça; por achar mais bonita elas ficarem na natureza; por Tangará da Serra-MT não possuir essa cultura; por não conhecer e achar difícil o cultivo e produção.

O Quadro 3 evidencia algumas das razões pelo interesse em cultivar flores tropicais.

Quadro 3 - Por que teria interesse em cultivar flores tropicais

Nº Entrevistado	Descrição
Entrevistados 8	O fato dessas flores serem da região faz com que não precise muito de veneno e mão de obra.
Entrevistados 10	Teria interesse, entretanto, acredita que mão de obra seria o problema, que plantar é fácil, mas precisa de acompanhamento técnico. O produtor quer saber como é? Para quem comercializar? Eis a questão chave.
Entrevistados 7	Uma boa ideia que deve ser estudada por ser nova. Mas quem seria o público consumidor, é uma ideia que não temos na nossa cabeça.
Entrevistados 15	Bom, seria mais uma fonte de renda na propriedade se tiver suporte e assistência daria para experimentar; mas, quanto ficaria o investimento? E qual seria o valor para venda?

Fonte: Dados da pesquisa

Os resultados obtidos demonstram que interesse os agricultores possuem, todavia, existem muitas dúvidas com relação aos tratos culturais, investimento e o mercado de flores tropicais, por ser pouco explorado no estado de Mato Grosso.

O estudo de Neto, Jasmim e Ponciano (2013), destacaram que a produção das espécies tropicais alpínia, bastão do imperador e antúrio tem sido uma alternativa de renda promissora para agricultores, uma vez que diante das variações da atividade econômica dos principais produtos, culturas alternativas podem ser um diferencial de êxito no empreendimento rural. Também no estado de Manaus o mercado de flores tropicais encontra-se em crescimento produtivo devido a expansão comercial (LOPES; CAVALCANTE, 2013). Realidade divergente vivenciada no município de Porto Velho-RO, pois dificuldades na comercialização da floricultura tropical acarretaram um nível elevado de perdas chegando a 47,7% da produção total (FRANÇA et al, 2010). Diante das realidades apresentadas é notório que estudos e políticas públicas a fim de subsidiar o agricultor dentro do contexto social de cada região, faz se indispensável.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados permitiram constatar que a maioria das famílias conhecem as flores tropicais, todavia, usando nomes populares e já visualizaram espécies nativas na propriedade. Contudo, desconheciam a possibilidade de cultivo para comercialização, mas acreditam no potencial das flores tropicais como alternativa viável de produção. Infere-se que apesar de pouco mais da metade dos entrevistados possuírem interesse no cultivo para comercialização como estratégia de diversificação de renda, existem muitas dúvidas com relação às formas de cultivo, investimento e comercialização por ser uma atividade pouco explorada no estado e conhecida por eles.

Diante do interesse e das dúvidas sugere-se que pesquisas no âmbito da floricultura tropical nas condições do estado de Mato Grosso sejam realizadas e disseminadas através da publicação científica e de dias de campo como os que já vêm sendo realizados pela Universidade do estado de Mato Grosso em Tangará da Serra-MT, a fim de levar estas informações até o agricultor, pois esta é uma área que carece de pesquisas envolvendo as mais diversas áreas do conhecimento.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo et al. Agricultura familiar e sucessão profissional: novos desafios. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL- SOBER, 2001, Recife, PE. **Anais...** Recife, PE, 2001.

AKI, A.; PEROSA, J. M. Y. Aspectos da produção e consumo de flores e plantas ornamentais no Brasil. **Revista Brasileira de Horticultura Ornamental**, Campinas, v. 8, n. 1/2, p. 13–23, 2002.

ALMEIDA, E. F. A., et al. Flores Tropicais em Minas Gerais. **Circular Técnica**, n. 176, p. 1–5, novembro, 2012.

ATLAS - ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL. **Perfil do Município de Tangará da Serra /MT**. 2013. Disponível em:<
http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/tangara-da-serra_mt>. Acesso em: 07 de junho de 2017.

BARRIENTOS-FUENTES, J. C.; TORRICO-ALBINO, J. C. Perspectivas socioeconômicas de la Agricultura Familiar em Sudamérica: casos de Bolívia, Colômbia y Perú. **Agronomía Colombiana**. Bogotá, v. 32. Ago/2014.

BERQUO, E.; CAVENAGHI, S. Fecundidade em declínio: breve nota sobre a redução no número médio de filhos por mulher no Brasil. **Novos estud. - CEBRAP**, São Paulo, n. 74, p. 11-15, Mar. 2006.

BRASIL. Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Legislativo, Brasília, DF, 25 jul. 2006. Seção 1, p. 1.

CARNEIRO, M. J. Herança e gênero entre agricultores familiares. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 22-55, jun./dez. 2001.

CAREGNATO, R. C. A; MUTTI, R. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 15, n. 4, p. 679-84, out./dez. 2006.

CASTILHO, I. **Produção de flores muda a vida de agricultores familiares no MT**. 2017. Disponível em: < <http://www.mda.gov.br/sitemda/noticias/produ%C3%A7%C3%A3o-de-flores-muda-vida-de-agricultores-familiares-no-mt>> Acesso em: 15 de Agosto de 2017.

DEGGERONE, Z. A. **A permanência dos jovens nas unidades de produção familiares na Região Alto Uruguia, Rio Grande do Sul**. 2014. Dissertação (Mestrado em Ambiente e Desenvolvimento) – Univates, Lajeado, 2014.

DUVAL, C. M. A produção de flores e a agricultura familiar. **Revista horticultura brasileira**, v. 32, n. 2, abril-junho, 2014.

ELLIS, F. **Rural livelihoods and diversity in developing countries**. Oxford: Oxford University Press, 2000.

FAO - ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A ALIMENTAÇÃO E AGRICULTURA. **Colocar os agricultores familiares em primeiro para erradicar a fome**. 2014. Disponível em: <<https://www.fao.org.br/cafppef.asp>>. Acesso em: 10 de julho de 2017.

FRANÇA, C. A. M. et al. Flores e Folhagens Tropicais: Mercado em Expansão. In: V ENCONTRO NACIONAL DA ANPPAS, 2010, Florianópolis-SC. **Anais...** Florianópolis-SC, 2010.

FRANCISO, V. L. F. S.; PINO, F. A.; KIYUNA, I. Floricultores do Estado de São Paulo. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 33, n. 3, p. 17-32, 2003.

GODOY, A. S. Pesquisa Qualitativa Tipos Fundamentais. **Revista de administração de empresas**. São Paulo, v. 35, n.3, p. 20-29, Mai. /Jun. 1995.

GODOY, C. M. T. et al. Juventude rural, envelhecimento e o papel da aposentadoria no meio rural: A realidade do município de Santa Rosa/RS. In: Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural – SOBER, 2010, Campo Grande-MS. **Anais...** Campo Grande-MS, 2010.

HAIR JUNIOR, J.F. et al. **Análise multivariada de dados**. 5. Ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em:< <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=510795&search=mato-grosso|tangara-da-serra|infograficos:-informacoes-completas>>. Acesso em: 07 de junho de 2017.

_____. **Censo Agropecuário 2006. Agricultura familiar primeiros Resultados**. Disponível em:< http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/50/agro_2006_agricultura_familiar.pdf>. Acesso em: 22 de julho de 2017.

_____. **Indicadores IBGE. Estatística de produção agrícola janeiro de 2017.** 2017.

Disponível em:<

ftp://ftp.ibge.gov.br/Producao_Agricola/Fasciculo_Indicadores_IBGE/estProdAgr_201701.pdf
>. Acesso em: 10 de julho de 2017.

_____. **Estimativas de população para 1 de julho de 2016.** 2016. Disponível em:<

http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2016/estimativa_tcu.shtm>.

Acesso em 12 de junho de 2017.

INCRA – INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO DE REFORMA AGRÁRIA.

Sistema Nacional de Cadastro Rural índices básicos de 2013. 2013. Disponível em:

<http://www.incra.gov.br/sites/default/files/uploads/estrutura-fundiaria/regularizacao-fundiaria/indices-cadastrais/indices_basicos_2013_por_municipio.pdf>. Acesso em: 20 de julho de 2017.

JUNQUEIRA, A. H.; PEETZ, M. DA S. Mercado interno para os produtos da floricultura brasileira: características, tendências e importância socioeconômica recente. **Revista Brasileira de Horticultura Ornamental**, v. 14, n. 1, p. 37–52, 2008.

LAMAS, A. M. **Floricultura Tropical: Tecnologia de Produção.** Tabatinga/AM, 2004, 65 p.

LANGE, A. K.; AREND, S. C. Plantas ornamentais para paisagismo: Estudo de caso em municípios do Rio Grande do Sul – Brasil. **Informe Gepec**, Toledo, v. 16, n. 2, p. 115-130, jul. dez. 2012.

LOGES, V. et al. Colheita, pós-colheita e embalagem de flores tropicais em Pernambuco. **Horticultura Brasileira**, Brasília, v. 23, n. 3, p. 699–702, jul-set 2005.

LOMACHINSKY, M. H. **A evolução da Floricultura Pernambucana: Um novo produto na Pauta de Exportações do Estado.** 2005. 75 f. Dissertação (Mestrado em economia) . Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2005.

LOPES, R. H.; CAVALCANTE, K. V. Agricultura familiar no Amazonas e Diversificação Produtiva. IN X Encontro da Sociedade Brasileira de Economia Ecológica. **Anais ...** Vitória – ES. 2013

MALHOTA, N. K., et al. **Introdução à Pesquisa de Marketing.** Editora Pearson Prentice Hall, 2005.

MDA – MINISTÉRIO DE DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO. **Plano de safra da Agricultura familiar 2017/2020. Fortalecer o campo para desenvolver o Brasil.** 2017.

Disponível em:< <http://www.mda.gov.br/sitemda/plano-safra-da-agricultura-familiar-20172020>>. Acesso em: 11 de julho de 2017.

NASCIMENTO, L. J. **Em alta, mercado de flores tropicais vira aposta na terra do agronegócio.** 2014. Disponível em:< <http://g1.globo.com/mato-grosso/agrodebate/noticia/2014/12/em-alta-mercado-de-flores-tropicais-vira-aposta-na-terra-do-agronegocio.html>> Acesso em: 06 de junho de 2017.

NETO, A. S. M.; JASMIM, J. M.; PONCIANO, N. J. Indicadores econômicos da produção de flores tropicais no Estado do Rio de Janeiro. **Rev. Ceres**, Viçosa, v. 60, n. 2, p. 173-184, mar/abril 2013.

PERSONA, R. **Flores tropicais podem ser alternativa para pequenos produtores**. 2016. Disponível em: < <http://www.mt.gov.br/-/2938964-flores-tropicais-podem-ser-alternativa-para-pequenos-produtores>>. Acesso em: 10 de julho de 2017.

PLOEG, J. D. V. **Camponeses e impérios alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização**. Porto alegre, Editora da UFRGS, 2008.

RICHARDSON, R. J., et al. **Pesquisa Social Métodos e Técnicas**. 3ª ed. Rev. Ampliada. São Paulo, 2012.

SANTOS, A. R. dos, et al. Agricultura familiar e segurança alimentar e nutricional: Análise dos resultados do programa de aquisição de alimentos (PAA Doação simultânea) nos estados da Bahia e Minas Gerais. **Cadernos de Gestão Social**, v. 3, n. 1, jan. / jun., 2012.

SANTOS, N. dos. **Flores tropicais que encantam e fortalecem agricultura familiar**, 2015. Disponível em:< <http://www3.mt.gov.br/sala-de-imprensa/radio-paiaguas/flores-tropicais-que-encantam-e-fortalecem-agricultura-familiar/148927>> Acesso em: 10 de julho de 2017.

SCHNEIDER, I. **Êxodo, envelhecimento populacional e estratégias de sucessão na exploração agrícola**. In: Indicadores Econômicos FEE. Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística – FEE, n. 21, jan., p.259-268, 1994.

SCHNEIDER, S. **A pluriatividade na agricultura familiar**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, Coleção estudo Rurais, 2003.

_____. Reflexões sobre diversidade e diversificação. **RURIS – Revista do Centro de Estudos Rurais**, Campinas-SP, v. 4, n. 1, p. 85-131, março 2010.

SCHUCH, H. J. **A Importância da opção pela Agricultura Familiar**. 2004. Disponível em:<<http://gipaf.cnptia.embrapa.br/itens/publ/fetags/fetags99>> Acesso em: 21 de junho, 2017.

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de Mato Grosso. **Negócio desabrocha com conhecimento**. 2016. Disponível em:< <https://www.mt.sebrae.com.br/conteudo-digital/135>>. Acesso em: 10 de julho de 2017.

SCHWAAB, A. **Tangará: Associação da FERIA do Produtor tem novo presidente**. 2017. Disponível em:< <http://www.radiopioneira.com.br/noticia/40884/tangara%3A-associacao-da-feira-do-produtor-tem-novo-presidente->> Acesso em: 10 de julho de 2017.

SEPLAN – Secretaria de Estado de Planejamento e Coordenação Geral, 2015. **Anuário Estatístico de Mato Grosso**. Ano base 2013. Cuiabá.

SETUR – Secretaria de Turismo de tangará da Serra-MT, 2015. **Economia de Tangará**. Disponível em:< <http://www.tangaradaserra.mt.gov.br/turismo/Economia/> > Acesso em: 01 de julho de 2017.

SIMÃO, A. A. **Diversificação como alternativa para o desenvolvimento da agropecuária familiar Sul Mineira**. 2004. 160 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal de Lavras, Minas Gerais, 2005.

SILVA, J. F. G. da. Quem precisa de uma estratégia de desenvolvimento? **Textos para Discussão Nead**, Campinas, v. 2, n. p. 5-52, 2001.

SILVA, C. da.; SIMIONI, F. J.; TALAMINI, E. Fatores determinantes da renda de famílias rurais no município de Painel – SC. **Teoria e evidência econômica**, n. 32, p. 35-54, jan.- jun. 2009.

SPANVELLO, R. M. et al. As perspectivas sucessórias de gestão dos negócios do patrimônio entre agricultores familiares sem sucessores. **Revista CCEI**. v.14, n.26, ago. 2010.

STUANI, C.; NECKEL, A.; FICAGNA, A. V. O. Jovens herdeiros: Uma análise da sucessão familiar em pequenas propriedades rurais de Nova Araçá. In: Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas – IX EGEPE, 2016, Passo Fundo - RS. **Anais...** Passo Fundo - RS, 2016.

TERRA, S. B.; ZUGE, D. P. P. de O. Floricultura: A produção de flores como uma nova alternativa de emprego e renda para comunidade de Bagé-RS. **Revista Conexão**. Ponta Grossa, v. 9, n. 2, jul. dez. 2013.

UNEMOTO, L. K. **Cultivo de bastão do imperador [Etilingera elatior (Jack) R. M. Smith] em diferentes espaçamentos no Norte do Paraná**. Londrina, 2010.70 f.Tese (Doutorado em Agronomia) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Ciências Agrárias, Programa de Pós-Graduação em Agronomia, 2010.

WOOD, T. Ornamental Zingiberaceae. **Revista Brasileira de Horticultura Ornamental**, v. 1, n.1, p. 12-13, 1995.